

TRANSFORMAÇÕES SÓCIECONÔMICAS DOS GAÚCHOS NO CENTRO-OESTE E NORDESTE: TERRITORIALIZAÇÃO ¹

Mara Eliana Graeff Dickel² – UFSM
marageo@mail.ufsm.br

Eunice Piccin² – UFSM
eunice.piccin@mail.ufsm.br

Fabiano Bolzan Scherer² – UFSM
fabiano.scherer@mail.ufsm.br

Monica Cargnin² – UFSM
acinom@mail.ufsm.br

Veridiana Neu² – UFSM
veridiana.neo@bol.com.br

Anderson Luis Ruhoff³ – UFSM
andersonruhoff@yahoo.com.br

1. Considerações Iniciais

Na região do cerrado, a base econômica era a pecuária extensiva até 1980. Esta foi rapidamente substituída na região e ocupada por culturas anuais, principalmente pela soja. Os novos agricultores, conhecidos como “gaúchos” (oriundos dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná) também descobriram o uso lucrativo da água superficial e subterrânea nas lavouras anuais e permanentes (café).

A migração feita pelos sulistas se intensificou a partir da década de 80, com novas descobertas do cerrado da região Centro-Oeste e Nordeste devido às condições técnicas e econômicas que favoreçam a maior exploração destas regiões, principalmente pela produção de soja. Essa exploração foi apenas visando o lucro, sem a preocupação com as questões ambientais e sociais.

Deste modo, desenvolveu-se uma agricultura comercial, altamente capitalista e mecanizada. Esta na sua maioria desenvolvida por sulistas, motivada por políticas públicas de incentivo para aquisição de terras, juros baixos, cultivos apropriados e também pelas condições fundiárias na Região Sul, a qual havia fechado as suas fronteiras agrícolas na década de 50.

2. Objetivos

- Compreender as transformações dos sulistas nas regiões Centro-Oeste e Nordeste;

¹ Trabalho desenvolvido na disciplina de Geografia do Espaço Brasileiro II, ofertada no Departamento de Geociências da UFSM, no 1º Semestre de 2005.

² Autores, Acadêmicos do Curso de Geografia – CCNE/UFSM.

³ Orientador, Professor do Departamento de Geociências da UFSM.

- Analisar o processo de territorialização ocorrido nas regiões Centro-Oeste e Nordeste pelos sulistas, enfatizando os processos socioculturais.

3. Metodologia

Para a realização deste trabalho, utilizou-se uma abordagem teórica-metodológica de identificação e caracterização das transformações que os atores sócio-espaciais e econômicos influenciaram sobre o espaço geográfico das regiões analisadas.

Posteriormente, realizou-se um levantamento bibliográfico sobre a temática da pesquisa para entender como estão se processando as modificações na área em estudo, enfatizando as relações sistêmicas dos sistemas e sub-sistemas dos componentes da paisagem.

4 Resultados

Pode-se inferir que a territorialização corresponde, em linhas gerais, ao processo de constituição de um território, envolvendo um processo dialético do movimento de desterritorialização e reterritorialização. Na interpretação de Côrrea (1994), a “desterritorialização” tem o sentido de perda de território apropriado e vivido em decorrência de diferentes processos originados de contradições capazes de desfazerem territórios; ao passo que reterritorialização refere-se à criação de novos territórios, seja por meio de reconstrução parcial, “in situ”, de velhos territórios, seja através da recriação parcial, em outro lugar, de um novo território, que contém características do antigo.

Desterritorialização e reterritorialização são processos indissociáveis que ocorrem, geralmente, em escalas distintas. A reterritorialização é (re) formada em escalas à margem da escala da territorialização hegemônica, comportando geralmente delimitações mais bem definidas. Um ator ou grupo quando desterritorializa outro, usando para tanto certas estratégias, imprime concomitantemente uma reterritorialização para si mesmo, enquanto que o outro perfaz, também, uma reterritorialização em outra escala de atuação, redefinindo parcelas de suas práticas sociais. (Haesbaert, 2002)

A região Centro-Oeste do Brasil é formada pelos estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás e pelo Distrito Federal, sendo estes Estados responsáveis por 18% do total da superfície do país, mas compreendem menos de 7% da população brasileira. (Moreira, 2002)

Esta região passou por grandes transformações nas últimas décadas, em decorrência da construção de algumas estruturas básicas para facilitar o acesso a estas regiões. Uma das construções que impulsionou o deslocamento de pessoas e o desenvolvimento da região foi a construção da rodovia Belém-Brasília, inaugurada em 1962, assim como a construção de outras grandes estradas que atraíram capital e migrantes (Figura 01) . Estes migrantes na sua grande maioria provenientes da região sul, mais especificamente do Rio Grande do Sul dirigiram-se para o Centro-Oeste com o intuito de expandir a agricultura e pecuária comercial.

Com o desenvolvimento da agropecuária comercial, surgiram paralelamente algumas indústrias nas principais cidades resultando em um significativo crescimento urbano. Deste modo a região Centro-Oeste integrou-se economicamente ao Sudeste e ao espaço geográfico brasileiro.

Outro fator de grande relevância foi à transferência da capital para Brasília, o qual foi decisivo para a integração espacial desta região às políticas do Estado relacionado aos incentivos fiscais para a produção agrícola e programas de colonização.

A pecuária se destacou como uma das mais importantes atividades econômicas da região, favorecida pela configuração plana e pela presença do cerrado composto de vegetação campestre de árvores e arbustos esparsos que permitia a livre circulação do gado. As principais áreas de maior desenvolvimento da pecuária estão localizadas no Pantanal Mato-grossense e na zona de Campo Grande onde são encontrados os campos naturais de qualidade superior ao do cerrado.

Paralelamente as áreas de pecuária encontram-se as lavouras de subsistência, dominadas por grandes propriedades. A agricultura comercial basicamente é desenvolvida em Goiás, principalmente no entorno de Brasília, Goiânia e Anápolis e na parte meridional do Mato Grosso do Sul especialmente nas áreas de Campo Grande e Dourados que são o extremo sul do estado.

Com base nas pesquisas bibliográficas consultadas pode-se constatar que a partir da década de 1970, a soja começou a se expandir pelo Centro-Oeste, suplantando pouco a pouco cultivos comerciais já existentes como o arroz, substituindo as lavouras de subsistência, a pecuária extensiva e incorporando espaços até então não utilizados ou pouco utilizados para o uso agrícola. Esta expansão, regra geral, foi realizada por experientes empresários do Centro-Sul do Brasil, gaúchos especialmente, que passaram a desenvolver esse cultivo utilizando técnicas cada vez mais modernas.

Diversos programas agrícolas, a partir da década de 80, com o objetivo de estimular o desenvolvimento da porção sul da região Centro-Oeste, introduziram grande quantidade de capital e com a utilização de técnicas avançadas mudaram a paisagem do cerrado. Em 1985, foi implantado o Programa de Desenvolvimento do Cerrado denominado de Polocentro. Com a introdução de variedades altamente selecionadas e adaptadas às condições peculiares do clima e solo, as lavouras de soja e também de trigo tiveram um bom desenvolvimento e sucesso na região.

O baixo preço das terras no Centro-Oeste, aliado aos incentivos concedidos pela SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) e as linhas especiais de crédito criadas pelo governo federal facilitaram o processo de expansão. Ressaltam-se as excelentes condições naturais do domínio dos cerrados, com sua topografia plana, fator que facilitou a mecanização e as condições climáticas.

A participação do governo federal, especialmente no início do processo, objetivou não só atender as demandas de matérias-primas do nascente setor agroindustrial e de uma população urbana cada vez mais numerosa, mas também visava incentivar a exportação de produtos não tradicionais, que contribuíssem para a melhoria da situação de nossa balança comercial.

A criação de novos pólos para o desenvolvimento foi incentivada através de políticas públicas, principalmente a criação de programas como o Polocentro, o Polonordeste e o Polamazônia. O Polocentro prioriza(va) a expansão da cultura de grãos (soja e arroz), enquanto o Polonordeste

voltado para investimentos na zona da mata nordestina e no sertão. Já o Polamazônia se dirigia a investimentos nos estabelecimentos dos pólos de desenvolvimento agromineral e agropecuário na região amazônica. Atualmente responsável tal política pelos processos de desmatamento e de violência na região. (Oliveira, 1998)

Esse conjunto de fatos, combinado com uma conjuntura favorável no comércio internacional da soja, fez com que nas últimas décadas do século XX, o volume da produção de soja e a área plantada aumentasse expressivamente. A produtividade da soja no Centro-Oeste, cerca de 10 a 20% superior à das demais regiões, atesta a alta tecnologia empregada pelo setor nessa área do país.



Figura 01 – Participação dos setores da economia no produto interno

Fonte: Moreira, Igor, 2002

Org: o grupo

Com base na figura 01, constata-se a grande participação do setor terciário (58%) na economia da região Centro-Oeste devido aos novos investimentos na agricultura e pecuária que impulsionou o desenvolvimento das cidades. Embora a setor terciário tenha grande expressividade, o setor primário (22%) está alicerçado pela uma agricultura altamente capitalizada.

Entendemos, portanto, que os migrantes sulistas constituem-se nos principais representantes sociais das modificações recentes na economia agrícola local e nos aspectos sócio-culturais da cidade. De modo geral, o processo recente de ocupação dos cerrados brasileiros é marcado pela expansão sulista.

Nesse contexto destaca-se que:

A década de 1970 representou o grande boom na expansão dos sulistas pelo interior do país, tanto pelo agravamento da concentração de terra no Sul e pelos programas estatais geo-estratégicos estimulando a ocupação da Amazônia, quanto pelos investimentos em tecnologia agrícola que estimularam a agricultura (especialmente de soja) nos cerrados. A presença de “gaúchos” transformando cidades já estruturadas (como Rondonópolis no Mato Grosso e Rio Verde em Goiás) ou criando novas (Alta Floresta, Canarana, Sorriso) se revela uma constante na região Centro-Oeste. (Haesbaert, 1995, 25-26).

A cidade de Jataí, no estado de Goiás, também é um exemplo deste contexto que Haesbaert (1995) descreve, inserindo-a no quadro das cidades que passaram por mudanças em função do

desenvolvimento da atividade agrícola moderna e da instalação de “gaúchos”, os principais representantes da ocupação dos cerrados por extensas lavouras mecanizadas de soja.

Com a expansão da soja para o centro oeste e nordeste, promovido principalmente por gaúchos verifica-se outros fenômenos demográficos.

Uma espécie de diáspora gaúcha (sulista) se difunde pelo interior brasileiro, concomitantemente à modernização capitalista, estendendo-se na década de 1980, com a expansão da soja na área de cerrados, até a região nordeste. Tomando por base o encontro entre sulistas e nordestinos, notadamente nas áreas de cerrados baianos, mostramos a relevância deste recorte identitário na análise das transformações sócio-espaciais em curso naquele espaço. Costa (1995, p.5).

Conforme destaca Haesbaert (1995), a transformação econômica movida, sobretudo, pela economia agrícola moderna, da qual o migrante sulista acabou sendo um dos importantes representantes sociais, se fez acompanhada da “reprodução” ou “re-criação” do modo de vida sócio-cultural deste grupo social em áreas muito diversas das suas de origem, como os cerrados.

O complexo agroindustrial da soja foi difundida por sulistas no nordeste e oeste baiano com o ímpeto de controlar um redesenhar de território e (re) invenção de identidades buscando novas unidades político-administrativas.

Primeiramente leva-se em consideração a expansão da agroindústria da soja nos cerrados pelos chamados pioneiros sulistas, com um número estimado de 40000 pessoas. Outro fator importante é as mudanças que estes gaúchos geraram no espaço em que ocuparam. Um exemplo é a possível criação do estado do São Francisco, onde a participação dos gaúchos é ambígua e coloca em questão a reinvenção de uma identidade São-Franciscana. (Haesbaert, 1996)

Cabe salientar que essa dinâmica envolve todo um processo migratório, onde os sulistas propriamente invadem o Nordeste, gerando um encontro inédito entre dois extremos da formação social brasileira. Ocorre então, a convivência do sulista descendente de italianos e alemães com a cultura africana, “cabocla” e baiana.

Um grande contraste passa a ser então visualizado, a caatinga aparentemente intacta com a uniformidade das grandes plantações de soja.

O sulista vai a busca de novas oportunidades e grandes extensões de terra barata, começa a produzir para o mercado externo objetivando lucros e acaba por modificar o espaço ocupado.

Cabe salientar que passa a ocorrer o processo de (des) (re) territorialização como nos apresenta Haesbaert (1996), nos cursos do cerrado baiano e em todos os serrados da região Nordeste, por empresários sulistas que acabam também atraindo capitalistas do Sudeste e da própria região Nordeste.

No espaço do “Novo Nordeste” há várias redes conjugadas denominada rede regional gaúcha no interior brasileiro. Os gaúchos foram atraídos pelas terras baratas em virtude da expansão capitalista (principalmente pela soja). Os novos pioneiros através da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) obtiveram incentivos fiscais, já que houve a diminuição dos incentivos da Superintendência de Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO). (Haesbaert, 1996)

O modelo agrícola implantado no cerrado, baseado na monocultura da soja exigiu grandes investimentos em corretivos de solo, fertilizantes e mecanização. Os agricultores que não possuíam

capital suficiente acabaram fracassando. Nisso, há diversas histórias de agricultores da região Sul que vieram de “mala e cuia” para o Nordeste e não conseguiram o sucesso. Com a vinda desses produtores houve a fundação de CTG (Centros de Tradições Gaúchas).



Figura 02 – **Participação dos setores da economia no produto interno**
Fonte: Moreira, Igor, 2002
Org: O grupo

Na região Nordeste, o setor terciário (46%) é que possui maior representatividade devido a modernização trazida pela soja o que trouxe uma produção de insumos e equipamentos necessários a produção. (Figura 02)

Os espaços “gaúchos” no “Novo” Nordeste formam um ramo de uma grande diáspora na qual iniciou com imigrantes vindo da Europa para a região Sul brasileira no século XIX. Houve uma expansão para áreas de matas no oeste de Santa Catarina e Paraná (década de 30 e 40), Mato Grosso do Sul (década de 50 e 60) e Amazônia (década de 70). A expansão foi baseada no modo capitalista. Assim, houve um fechamento na fronteira de ocupação pelos latifúndios nas terras do Sul o qual haviam concentrado. A divisão em excesso dos minifúndios das áreas de colonização ítalo-germânica. Na questão cultural, houve uma espécie de mito de valente e de uma superioridade que foi transmitida pelos descendentes de imigrantes, sempre em busca de “novas fronteiras para colonizar”. (Haesbaert, 1996)

O papel dos sulistas, com sua cultura diferente é atualmente o responsável pelas transformações sócio-espaciais que estão acontecendo no oeste baiano. As atividades mais antigas desenvolvidas na região como a pecuária e o extrativismo do babaçu esteve ao lado de uma agricultura de subsistência. Recentemente, o cerrado do sul do Maranhão, o Piauí e o oeste baiano passaram a desenvolver a lavoura comercial, principalmente de soja, com investimentos de agricultores do sul do Brasil.

5. Considerações Finais

A soja é o principal produto agroindustrial brasileiro, geradora de considerável receita, sendo consumida internamente e exportada. A exemplo da pecuária bovina extensiva, que no passado ocupou territórios de fronteira e serviu de ponta de lança para a agricultura, hoje a cultura da soja avança à frente de outras atividades, como na região Centro-Oeste, tornando-se por excelência a atividade de fronteira. Essa atividade não é meramente mais uma atividade agrícola, mas um ciclo que se reterritorializou com novos atores, onde os gaúchos são os principais responsáveis, pelas novas transformações socioeconômicas.

O processo de (des) (re) territorialização que está ocorrendo principalmente nos cerrados baianos está se difundido para outras áreas de cerrado da região Nordeste (como o sul do Maranhão, alto da Chapada Diamantina, sul do Piauí, entre outros). Comandado por empresários sulistas que acabam chamando atenção para outros empresários da região Sudeste e também da região Nordeste.

A criação desse “Novo” Nordeste veiculado a uma moderna agricultura da soja, principalmente especializada do oeste da Bahia ao sul do Maranhão, enfrenta muitos problemas devido à expansão geográfica imposta pelo Centro-Sul do Brasil. Desta forma, o “Novo” Nordeste firma-se mais como uma continuação da expansão econômica, cultural e geográfica do Centro-Sul do que uma verdadeira (re) territorialização do Nordeste.

Portanto, analisa-se que há diferenças no processo (des) (re) territorialização das regiões Centro-Oeste e Nordeste, pois enquanto na primeira a expansão econômica foi mais acentuada e generalizada, com influência em todo o espaço territorial nacional. Já na segunda, houve um processo mais local com desenvolvimento, principalmente do oeste baiano e alguns outros pontos da região nordestina. Além do desenvolvimento econômico em ambas regiões, o gaúcho transcreveu as suas marcas culturais e sociais, fazendo difundir uma nova construção espacial e cultural de territórios, refletidas no espaço.

6. Bibliografia:

Clube Mundo. **Revista Pangea**. Disponível em < <http://www.clubemundo.com.br> > Acesso 15 maio 2005.

HAESBAERT, R. “Gaúchos” e Baianos no “Novo” Nordeste: Entre a Globalização Econômica e a Reinvenção das Identidades Territoriais. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. B. (Orgs). **Brasil: Questões Atuais da Reorganização do Território**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

HAESBAERT COSTA, R. **“Gaúchos” no nordeste: modernidade, des-territorialidade e identidade**. 1995. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade de São Paulo, Departamento de Geografia, São Paulo, 1995. 385p

MOREIRA, I. **O Espaço Geográfico: Geografia Geral e do Brasil**. 47 ed. São Paulo: Ática, 2002.

OLIVEIRA, A. U. Agricultura Brasileira: Transformações Recentes. In: ROSS, J. L. S. (Org). **Geografia do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1998.